

O papel do professor no ensino-aprendizagem de línguas frente ao advento da inteligência artificial

RESUMO

Este artigo investiga a percepção de professores de línguas sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) no ensino, analisando sua aplicação pedagógica e os desafios envolvidos. Fundamentado em conceitos da Linguística e da Sociolinguística Interacional, o estudo aborda a mediação do professor e os impactos da IA na interação em sala de aula. A pesquisa foi conduzida em uma escola de ensino médio em Minas Gerais, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicam que os docentes reconhecem as vantagens da IA, como a personalização do ensino e a acessibilidade, mas expressam preocupações sobre a dependência tecnológica e seus impactos na criatividade e nas habilidades sociais dos alunos. Conclui-se que a IA pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz quando integrada de forma equilibrada e ética, sem substituir o papel essencial do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial. Ensino de Línguas. Linguística.

Hiago Higor de Lima
Hiagohigor7@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7733-9406>
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora, MG, Brasil

INTRODUÇÃO

A Linguística, como ciência que estuda a linguagem humana, abrange desde aspectos estruturais até seu uso em contextos sociais e interacionais. Saussure (1916) sistematizou esses estudos ao distinguir a língua da fala, enquanto Chomsky (1965) diferenciou competência e desempenho linguístico, enfatizando a natureza cognitiva da linguagem. A análise linguística, alicerçada em perspectivas estruturais e socioculturais, subsidia estudos aplicados, como o papel do professor e as interações mediadas por inteligência artificial (IA) no ensino de línguas. No campo da Sociolinguística Interacional, Gumperz (1982) e Goffman (1967) exploraram como os falantes negociam significados na interação verbal, considerando o contexto e pistas de contextualização, como entonação e gestos. A proteção de face e os enquadres comunicativos influenciam a dinâmica interacional, sendo fundamentais para entender a interação entre professores, alunos e IA. O conceito de estigma (GOFFMAN, 1963) também se torna relevante ao analisar o preconceito linguístico e os desafios da tecnologia no ambiente educacional.

A inserção da IA na educação é um tema debatido por estudiosos como Lévy (1999), que destaca a inteligência coletiva, e Selwyn (2019), que questiona a automação do ensino e a possível desumanização pedagógica. Williamson e Eynon (2020) alertam sobre os riscos da personalização da aprendizagem mediada por algoritmos, ressaltando a necessidade de um uso crítico dessas tecnologias para evitar a reprodução de desigualdades. Assim, a discussão sobre IA na educação deve ser conduzida de forma reflexiva, integrando tecnologia e interação humana. Nesse contexto, o professor de línguas assume um papel mediador, alinhado à perspectiva de Freire (1996), que enfatiza a educação dialógica. Seu desafio é integrar a IA de forma ética e pedagógica, estimulando a autonomia dos alunos e a reflexão crítica sobre as ferramentas digitais. O aprofundamento desse papel se faz necessário para compreender as transformações educacionais e tecnológicas contemporâneas.

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de ensino médio em Minas Gerais, com o objetivo de investigar a percepção de professores de línguas sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) em suas práticas pedagógicas. A instituição foi escolhida devido à sua diversidade de alunos e à implementação gradual de tecnologias no ensino. A metodologia adotada consistiu em entrevistas semiestruturadas, que possibilitam explorar percepções e experiências subjetivas dos participantes (Minayo, 2014). Os resultados mostram uma diversidade de opiniões sobre a IA no ensino de línguas. Marcos, por exemplo, a considera uma ferramenta complementar, destacando sua utilidade na acessibilidade ao aprendizado, mas alertando para a possível dependência dos alunos, o que pode comprometer sua criatividade. Seu discurso reflete uma postura pragmática, demonstrando tanto reconhecimento dos benefícios quanto preocupação com seu uso excessivo.

A partir dessas análises, conclui-se que a IA apresenta vantagens significativas no ensino de línguas, como a acessibilidade, a personalização da aprendizagem e o suporte na aquisição de habilidades específicas. Os

professores veem a IA como uma ferramenta útil, mas com reservas. Reconhecem seus benefícios, como a personalização do ensino, mas destacam que não substitui o papel do professor como mediador e facilitador. Defendem um uso equilibrado da tecnologia, evitando prejuízos às habilidades sociais e cognitivas dos alunos, e valorizam a interação e a criatividade na educação.

Este artigo, além da presente introdução, está segmentado em quatro seções, sendo: 1) arcabouço teórico sobre a) linguística, b) Sociolinguística Interacional, c) IA na contemporaneidade e d) o papel do professor de línguas na sala de aula; 2) Metodologia e participantes da pesquisa; 3) Análise e Discussão dos Resultados e 4) Considerações Finais.

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, a partir da análise teórica e discursiva de autores que discutem as interfaces entre Linguística, práticas pedagógicas e tecnologias emergentes. A construção dessa base teórica é essencial para compreender os processos interacionais mediados por IA, o papel da linguagem na constituição das relações sociais e os desafios enfrentados pelos docentes no cenário atual. Assim, os textos a seguir delineiam os eixos conceituais que sustentam a análise, abordando desde os fundamentos da Linguística e da Sociolinguística Interacional até reflexões críticas sobre a IA na educação e as implicações para a atuação do professor de línguas.

LINGUÍSTICA

A Linguística é a ciência que estuda a linguagem humana em seus diversos aspectos, desde sua estrutura até seu uso em contextos sociais e interacionais. Saussure (1916) foi um dos primeiros a sistematizar os estudos linguísticos ao distinguir a língua (*langue*) da fala (*parole*) e propor a Linguística como uma disciplina autônoma dentro das ciências humanas. Posteriormente, Chomsky (1965) trouxe a distinção entre competência e desempenho linguístico, enfatizando a natureza cognitiva da linguagem.

A análise linguística científica baseia-se em métodos sistemáticos e rigorosos para compreender o funcionamento da linguagem, seja em níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) ou em perspectivas pragmáticas e socioculturais (Pragmatismo, Sociolinguística, Análise do Discurso). Assim, o campo da Linguística fornece subsídios teóricos e metodológicos para estudos aplicados, como os que envolvem o papel do professor e as interações mediadas por inteligência artificial (IA) no ensino de línguas.

Dentro desse escopo, é essencial considerar aspectos como o uso de conectores e adjetivações na estruturação discursiva. Os conectores são

elementos coesivos fundamentais que garantem a fluidez e a coerência do discurso, permitindo relações lógicas entre enunciados (KOCH, 2018). Eles podem indicar adição ("além disso", "também"), oposição ("porém", "entretanto"), causa ("porque", "visto que") e outras relações semânticas que estruturam o discurso. Por outro lado, a adjetivação desempenha um papel essencial na construção de significados e na expressão avaliativa dentro de um texto. Os adjetivos podem ser empregados para intensificar uma opinião, indicar juízo de valor e modificar substantivos, conferindo-lhes qualidades específicas (FARIA, 2010). Esse recurso é particularmente relevante na análise linguística aplicada, pois influencia a interpretação do discurso e a percepção do falante ou escritor.

SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

A Sociolinguística Interacional, que teve Gumperz (1982) como precursor, foca no estudo da linguagem em uso, considerando como os falantes negociam significados e constroem relações sociais através da interação verbal. Diferente de abordagens estruturalistas, essa vertente analisa a comunicação como um fenômeno dinâmico, em que a interpretação do discurso depende do contexto e das pistas de contextualização usadas pelos interlocutores.

Na Sociolinguística Interacional, o contexto é um conceito central para a interpretação do discurso. Segundo Gumperz (1982), ele engloba fatores situacionais, sociais e discursivos que influenciam a comunicação e a construção de significados. Já Goffman (1974) destaca que a interação ocorre dentro de "quadros" (frames), que orientam como os participantes interpretam e participam das situações comunicativas. Esses quadros são formas de organização da experiência que ajudam os falantes a compreender o que está acontecendo em uma interação e a ajustar seu comportamento adequadamente.

As pistas de contextualização, conforme Gumperz (1982), são elementos linguísticos e paralinguísticos que os interlocutores utilizam para indicar como seu discurso deve ser interpretado. Isso inclui entonação, pausas, gestos, expressões faciais e até a escolha de determinadas palavras ou estruturas gramaticais. Essas pistas permitem que os participantes coordenem suas interações e evitem mal-entendidos. Goffman (1967), ao discutir a proteção de face, também ressalta que os indivíduos ajustam sua comunicação conforme as normas sociais do contexto, o que reforça a importância de interpretar corretamente essas pistas para manter a harmonia interacional.

A proteção de face (Goffman, 1967) refere-se à necessidade de os indivíduos manterem uma imagem social positiva durante as interações, regulando sua comunicação para evitar ameaças à própria imagem ou à dos outros. O conceito de enquadre (Gumperz, 1982), por sua vez, diz respeito às estruturas cognitivas que orientam a interpretação de situações comunicativas, permitindo aos falantes compreender e participar das interações de maneira coerente. Outro conceito relevante para compreender a dinâmica interacional é o de estigma, também proposto por Goffman (1963), que se refere "a situação

do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena" (GOFFMAN, 1988, p. 7), isto é, a atributos socialmente desvalorizados que podem impactar a maneira como os indivíduos são percebidos e tratados nas interações sociais. No contexto educacional e na interação com a IA, o estigma pode emergir, por exemplo, na percepção de competências tecnológicas dos professores ou no preconceito linguístico presente em ferramentas de IA que favorecem padrões hegemônicos de linguagem.

A Linguística, em particular a Sociolinguística Interacional, fornece um arcabouço teórico e metodológico essencial para compreender como a interação entre professores, alunos e IA se desenvolve. Os conceitos de proteção de face, enquadre e estigma ajudam a iluminar as dinâmicas comunicativas, as adaptações discursivas e as tensões que emergem nesse novo contexto educacional mediado por tecnologia.

IA NA CONTEMPORANEIDADE

A introdução da IA na educação tem sido debatida por diversos estudiosos. Pierre Lévy (1999) discute a "inteligência coletiva", destacando como a tecnologia pode ampliar o acesso ao conhecimento e promover novas formas de interação cognitiva. Paulo Freire (1996), embora não tenha abordado a IA diretamente, enfatiza a importância da educação dialógica e do papel do professor como mediador do pensamento crítico, um conceito que se torna ainda mais relevante no contexto da IA.

Autores contemporâneos, como Neil Selwyn (2019), têm chamado a atenção para os desafios emergentes da automação da educação, um fenômeno que vem se intensificando à medida que a inteligência artificial (IA) é incorporada a práticas pedagógicas e institucionais. O argumento central de Selwyn reside na necessidade de uma análise crítica das tecnologias educacionais, questionando se a implementação dessas ferramentas está, de fato, promovendo uma melhoria significativa nos processos de ensino-aprendizagem ou se, pelo contrário, está resultando na desumanização da educação, transformando-a em um mecanismo meramente técnico e operacionalizado.

O alerta de Selwyn converge com o de Williamson e Eynon (2020), que enfatizam que a IA pode, sim, constituir um suporte pedagógico valioso, desde que seu uso seja criteriosamente planejado e orientado para o desenvolvimento de competências cognitivas complexas, como o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade reflexiva dos estudantes. O risco apontado pelos autores está na tendência de certas aplicações tecnológicas em reduzir a educação a um modelo instrucionista e automatizado, no qual o papel do professor é minimizado e os processos de ensino são mecanicamente mediados por algoritmos que priorizam a eficiência operacional em detrimento da profundidade cognitiva.

Dessa forma, a problematização do papel da IA na educação não deve ser pautada por uma perspectiva tecnofóbica, mas sim por uma abordagem

socioeducacional crítica, que compreenda os impactos epistemológicos e metodológicos dessas ferramentas. Ressignificar o papel do professor diante da inteligência artificial significa deslocá-lo da posição de mero transmissor de conteúdo para a de mediador do conhecimento, capaz de articular o uso da IA como ferramenta didática sem que essa substitua a interação humana e a intencionalidade pedagógica.

Outro ponto fundamental nesse debate é a questão da personalização da aprendizagem e a ilusão da neutralidade algorítmica. Embora a IA seja frequentemente apresentada como uma tecnologia capaz de adaptar os conteúdos às necessidades individuais dos estudantes, é preciso questionar quem define os parâmetros dessa personalização e quais vieses estão embutidos nos sistemas algorítmicos. Como destacam críticos da educação digital, a personalização promovida por IA pode, em alguns casos, reforçar desigualdades preexistentes ao invés de democratizar o acesso ao conhecimento.

Diante desse panorama, cabe às instituições de ensino e aos pesquisadores da educação analisar criticamente os limites e possibilidades da IA garantindo que sua implementação esteja alinhada a princípios pedagógicos emancipatórios e que os educadores sejam preparados para atuar de maneira reflexiva diante dessas novas dinâmicas tecnológicas. No novo paradigma educacional, o professor não apenas ensina conteúdo, mas atua como facilitador da interação entre alunos e inteligência artificial. Isso implica desenvolver estratégias para que os estudantes possam interpretar criticamente as informações geradas por algoritmos, compreendendo seus limites e potenciais vieses. Além disso, é fundamental que os docentes sejam capacitados para compreender a dinâmica das tecnologias emergentes e incorporá-las de forma criativa ao ambiente escolar.

O professor de línguas, nesse sentido, não transmite conteúdo, mas desempenha um papel mediador no processo de ensino-aprendizagem, especialmente diante das transformações tecnológicas e o impacto da inteligência artificial. Ele deve ajudar os alunos a interpretar criticamente as informações geradas por algoritmos, promovendo uma aprendizagem reflexiva. Isso exige que os docentes sejam capacitados para entender e integrar as tecnologias emergentes de maneira ética e alinhada a princípios pedagógicos emancipatórios, estimulando a autonomia dos estudantes na construção do conhecimento. Assim, o papel que o professor de línguas ocupa nesse cenário, deve ser aprofundado.

O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUAS

O papel do professor vai além da simples transmissão de conhecimento, assumindo uma função mediadora no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Freire (1996), o professor deve ser um facilitador do diálogo, promovendo a construção do conhecimento de forma crítica e reflexiva. Esse papel é ainda mais relevante na contemporaneidade, diante das transformações

tecnológicas e do impacto da inteligência artificial na educação (SELWYN, 2019; WILLIAMSON; EYNON, 2020).

Na perspectiva sociocultural, o ensino de línguas, foco desse estudo, envolve não apenas a estrutura da linguagem, mas também os contextos de uso e os significados sociais que emergem na interação (VYGOTSKY, 2007). Para Zabala e Arnau (2020), o professor deve atuar como mediador, orientando os alunos na construção de competências comunicativas que os permitam interagir de forma eficaz em diferentes contextos. Além disso, a incorporação de tecnologias no ensino de línguas exige que o professor adote novas abordagens metodológicas, conciliando práticas tradicionais com inovações digitais (KENSKI, 2019; LÉVY, 1999).

A formação docente também desempenha um papel crucial nesse cenário. Segundo Tardif (2014), os saberes docentes são construídos ao longo da trajetória do professor, combinando conhecimentos teóricos, experiências práticas e valores pedagógicos. Esse processo formativo deve considerar as novas demandas educacionais, incluindo o uso de IA e seus impactos na sala de aula. Moran (2021) destaca a importância das metodologias ativas nesse contexto, enfatizando que o professor deve incentivar a autonomia e a participação ativa dos alunos.

No ensino de línguas, questões como preconceito linguístico e variação linguística também são centrais para o papel do professor. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), é essencial que os docentes valorizem a diversidade linguística e promovam o respeito às diferentes formas de falar, combatendo estereótipos e discriminações. Além disso, a introdução de ferramentas baseadas em IA pode reproduzir padrões hegemônicos de linguagem, reforçando estigmas sociais (GOFFMAN, 1963). Cabe ao professor desenvolver uma postura crítica diante dessas tecnologias, garantindo que elas sejam utilizadas de forma inclusiva e ética.

Dessa forma, o professor de línguas assume um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de compreender e atuar em um mundo cada vez mais digitalizado e globalizado. Para isso, é essencial que sua atuação esteja pautada em uma abordagem dialógica, sociocultural e tecnicamente atualizada. Não somente os professores de línguas, mas também os de quaisquer disciplinas têm protagonismo e são fundamentais diante dos processos educacionais. Contudo, a delimitação desse estudo por professores de línguas se dá pelo intento de trabalhar as especificidades da área no que tange ao advento e recrudescência da IA no âmbito educacional. Passa-se à metodologia e participantes da pesquisa, professores de línguas que relatam sobre essa inserção no cerne de suas aulas.

METODOLOGIA E PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola regular de ensino médio localizada em Minas Gerais, com o objetivo de compreender a percepção dos

professores de línguas sobre o uso da IA em suas práticas pedagógicas. A escolha dessa instituição se deu pela sua diversidade de alunos e pela experimentação gradual de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, o que proporcionou um campo fértil para investigar a implementação da IA nas aulas de línguas.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, um método comumente utilizado quando se busca compreender as percepções e experiências subjetivas dos participantes (Minayo, 2014). A entrevista semiestruturada se justifica pela necessidade de permitir que os participantes se expressassem de forma mais espontânea, ao mesmo tempo em que as questões norteadoras garantiam a obtenção de registros de pesquisa (Bizon, 2013) focados no tema da pesquisa. As entrevistas consistiram em quatro perguntas abertas, elaboradas para explorar as percepções dos professores sobre a integração da IA no contexto educacional, seus benefícios e malefícios, e o impacto no ensino de línguas.

Por uma questão de transparência e rigor metodológico, as entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas de acordo com as normas do modelo de transcrição de Jefferson, que permite capturar, de maneira precisa, as variações na fala e os aspectos não-verbais presentes nas interações (Jefferson, 2004). A transcrição foi realizada utilizando a plataforma Transkriptor, uma ferramenta online que facilita a conversão de áudio em texto, respeitando as normas da transcrição Jefferson. Esse processo possibilitou uma análise mais detalhada das nuances da fala dos professores, incluindo hesitações, pausas e sobreposições, que são fundamentais para compreender a dinâmica das respostas (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1974).

Por delimitação de espaço, aqui, será abordada exclusivamente a primeira pergunta da entrevista, que foi formulada da seguinte maneira: *"Como você lida com a IA na sala de aula? Quais são os benefícios e malefícios da IA na sala de aula de línguas?"* Essa pergunta foi escolhida devido à sua relevância central para o objetivo da pesquisa, que visa entender como os professores percebem e utilizam a IA nas suas práticas pedagógicas diárias. Além disso, as respostas a essa questão oferecem uma visão ampla sobre as expectativas, preocupações e potencialidades do uso da IA, tanto do ponto de vista dos docentes quanto no impacto percebido sobre o aprendizado dos alunos.

Por meio da análise das respostas, será possível discutir as diferentes maneiras pelas quais a IA é integrada ao ensino de línguas e, ao mesmo tempo, identificar os pontos positivos e negativos que os professores associam a essa tecnologia. Os dados obtidos fornecem um panorama das realidades vivenciadas pelos educadores, permitindo refletir sobre as implicações pedagógicas do uso de novas tecnologias no contexto educacional (Santos, 2018).

Cinco professores de línguas, todos com diferentes níveis de experiência e abordagens pedagógicas, aceitaram participar da entrevista. Os professores, para fins éticos de pesquisa, tiveram seus nomes substituídos por fictícios. A escolha dos participantes foi feita de forma intencional, visando refletir uma

diversidade de opiniões e experiências sobre o uso da IA nas aulas de línguas. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que garantiu a sua participação voluntária e a compreensão sobre os objetivos da pesquisa, a confidencialidade das respostas e o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento (Brasil, 2016).

As entrevistas ocorreram presencialmente, no início de fevereiro, em um ambiente tranquilo da escola, o que favoreceu um espaço adequado para o diálogo e para a expressão livre dos professores. Cada entrevista foi conduzida de forma individual, garantindo que os participantes tivessem a liberdade de falar sobre suas experiências sem a influência de outros colegas. Esse método foi fundamental para obter uma gama rica de respostas, que variaram desde pontos de vista mais críticos até os mais favoráveis em relação à introdução da IA no ensino de línguas, consoante será analisado e discutido abaixo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Consoante descrito na metodologia, em relação à pergunta *"Como você lida com a IA na sala de aula? Quais são os benefícios e malefícios da IA na sala de aula de línguas?"*, obteve-se as seguintes respostas, analisadas de forma separada. Na imagem 01, apresenta-se a resposta de Marcos:

Imagem 01: Trecho Transcrito da Entrevista de Marcos – gravada em áudio

5.	MARCOS	Olha, eu, na verdade, tento usar a IA mais
6.		como uma ferramenta complementar, sabe?
7.		Tipo, eu peço pros alunos usarem pra
8.		pesquisar vocabulário, fazer traduções, ou
9.		até praticar a pronúncia com aqueles apps
10.		de reconhecimento de fala. Eu acho que o
11.		maior benefício da IA é que ela torna o
12.		aprendizado mais acessível, né? Tipo, os
13.		alunos podem ter recursos ali o tempo todo,
14.		sem precisar de um professor o tempo
15.		inteiro. Mas, por outro lado, eu acho que
16.		eles podem acabar ficando muito
17.		dependentes, né? Isso tira um pouco da

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Marcos demonstra uma postura moderadamente positiva, mas também apresenta reservas. A expressão "tento usar" indica uma tentativa, sugerindo que o uso da IA é algo que ainda precisa ser ajustado e não uma prática completamente consolidada. A palavra "complementar" caracteriza a IA como uma ferramenta auxiliar, que deve ser utilizada de forma restrita e controlada, sem substituir o papel do professor. A condicionalidade implícita em frases como "mas, por outro lado" e "isso tira um pouco da criatividade" expressa uma visão pragmática, que vê a IA como um instrumento útil, mas com potencial para prejudicar a criatividade dos alunos, se usada de forma indiscriminada.

A colocação de Marcos evidencia a preocupação que Selwyn (2019) pontua sobre a carência de uma análise crítica sobre a IA, no que tange ao fato de evidenciar se ela, de fato, está proporcionando melhorias significativas para o processo de ensino-aprendizagem, tendo que se pensar sobre os benefícios “sem precisar de um professor o tempo inteiro” (linhas 14-15) e malefícios ao mesmo tempo “eles podem acabar ficando muito dependentes” (linhas 16-17). Nesse sentido, a pontuação de Marcos vai ao encontro do que Moran (2017) coloca sobre a importância do incentivo à autonomia do aluno, mas, também, há que se ter um olhar crítico sobre isso, para que a não dependência do professor “o tempo inteiro” (linhas 14-15) não se torne uma automação que ocasione uma possível desumanização pedagógica, como teme Selwyn (2019).

O entrevistado utiliza expressões como “na verdade, tento usar” e “eu acho” para atenuar possíveis críticas ao uso da IA, protegendo sua face ao assumir uma postura cautelosa. Barqueta (2014, p. 28), assevera que “o uso do verbo ‘achar’ está ligado à crença, mas ao mesmo tempo permite expressar certo grau de certeza”. Assim, Marcos se projeta como alguém com lugar de fala, destacando sua posição como professor que entende do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, mas protege sua face, por meio do verbo “achar”, de modo a exprimir sua opinião, ainda que com grau de certeza, dado sua expertise. Expressões como na verdade, tento usar e eu acho configuram, pois, proteção de face do sujeito, a fim de atenuar possíveis críticas ao uso da IA, ao assumir uma postura cautelosa.

Lucas, também tece comentários acerca da IA, protegendo sua face, consoante pode-se observar abaixo:

Imagem 02: Trecho Transcrito da Entrevista de Lucas – gravada em áudio

7.	LUCAS	Então, eu sou super a favor de usar IA, mas de um jeito
8.		equilibrado. Tipo, usar para reforçar o que a gente já
9.		aprendeu, né? Eu já vi alunos usando tradutores de IA pra
10.		passar trabalhos e, no começo, eu fiquei meio preocupado,
11.		mas depois percebi que, se bem guiado, eles conseguem
12.		entender melhor as estruturas da língua. O malefício mesmo
13.		é essa dependência, né? Tipo, não sei se a IA vai ensinar
14.		eles a pensarem por si mesmos, se me entende. A IA é boa,
15.		mas tem que ser usada com cuidado.
16.		

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Ao utilizar a expressão "super a favor", Lucas se posiciona de maneira positiva em relação à IA, o que indica uma aprovação explícita do uso da tecnologia, mas imediatamente complementada por uma restrição: "tem que ser usada com cuidado". Aqui, o uso do advérbio "super" amplifica a positividade da opinião, mas o posterior "mas" revela uma reserva em relação ao uso desmedido da IA. Esse tipo de estrutura, em que há um julgamento positivo seguido de uma advertência, caracteriza uma atenuação da primeira opinião e revela uma

postura que, embora favorável, é prudente e que reconhece a necessidade de mediação pedagógica.

Semelhantemente a Marcos, Lucas expõe os lados positivo e negativo que, enquanto professores de línguas, acreditam que a IA impacta suas aulas. Lucas problematiza também, além da dependência já criticada por Marcos, a possibilidade de alienação do aluno “não sei se a IA vai ensinar eles a pensarem por si mesmos” (linhas 14-15). Assim, embora Lucas compreenda a IA consoante o que Willianson e Eynon (2020) discutem sobre a IA como um suporte pedagógico valioso, uma vez que, com essa ferramenta, “eles conseguem entender melhor as estruturas da língua”, há a preocupação com relação à falta de criticidade no pensamento dos alunos. Isso também vai ao encontro do que Tardif (2014) assevera sobre a importância das metodologias ativas, pelo fato do professor incentivar a autonomia e participação ativa dos alunos. É necessário que essa participação seja responsiva, que o professor atue como mediador nessa relação enfatizando a construção de uma educação dialógica (FREIRE, 1996).

Lucas apresenta uma linguagem mais coloquial, vista no uso do advérbio *super*, mas também pelo uso da expressão “se me entende”, por meio da qual também se nota a proteção de face do sujeito, quem conclama a aceitação do interlocutor ao justificar seu posicionamento. Marina, quem também discorre sobre os usos da IA na sala de aula de línguas, explicita que:

Imagem 03: Trecho Transcrito da Entrevista de Marina – gravada em áudio

8.	MARINA	Eu tento integrar a IA de uma maneira mais, digamos,
9.		prática. Tem uns programas de correção de texto que
10.		ajudam os alunos com gramática e ortografia, o que é
11.		bem legal. Mas, ao mesmo tempo, eu sempre tento trazer
12.		essa discussão pra sala de aula, né? Tipo, a IA não vai
13.		entender as nuances culturais, não vai conseguir captar
14.		o contexto de uma conversa. Acho que isso é um grande
15.		limite. O benefício é o tempo que a IA economiza, e,
16.		claro, a possibilidade de praticar a língua fora do
17.		ambiente da sala de aula, mas, no fim das contas, a IA
18.		não substitui o toque humano.
19.		

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Marina, por sua vez, é mais explícita ao contrastar os benefícios práticos da IA com suas limitações culturais e contextuais. A expressão "bem legal" atribui um caráter informal e até descomplicado ao uso da IA sugerindo que a ferramenta é útil, especialmente para tarefas como correção gramatical e ortográfica. No entanto, o uso de expressões como "mas a IA não vai entender as nuances culturais" introduz uma restrição quanto à capacidade da IA de lidar com aspectos contextuais e culturais do ensino de línguas. O conector adversativo "mas" é fundamental para destacar a limitação dessa ferramenta tecnológica. Sua análise demonstra uma perspectiva pragmática: a IA é útil, mas não substitui o "toque humano", especialmente nas dimensões de interação social e análise de contexto, que são cruciais para o ensino de línguas. Ao

pontuar sobre a incapacidade de a IA substituir o toque humano, Marina tangencia a preocupação de Selwyn (2019) sobre a possível desumanização pedagógica, anteriormente vista na narrativa de Marcos.

No tangente ao que Marina coloca como benefícios da IA, como o fato de o aluno ter a “possibilidade de praticar a língua fora do ambiente” (linhas 17-18), reverbera no destaque de Lévy (1999) sobre a inteligência coletiva. A “economia de tempo” (linhas 16-17) pela IA empreendida, que Marina também pontua como benefício, pode ser vista sob a ótica do que Williamson e Eynon (2020) colocam sobre os riscos da personalização da aprendizagem mediada por algoritmos, uma vez que o uso crítico da IA é importante para que não se acelere o processo de informações em busca de uma “economia de tempo”, a qual, em vez de benefícios, causa malefício à aprendizagem.

Marina também apresenta proteção de face (GOFFMAN, 1963) em relação ao uso da IA no que tange à fala “eu tento”, em que ela apresenta a forma com a qual usa a IA, que, segundo ela, se dá de uma forma mais “prática”. O uso do “mas” também pode ser compreendido como estratégia de proteção de face do sujeito professor, pois, em que pese os benefícios engendrados pela IA, a presença do ser humano é uma necessidade constante, sendo essencial seu “toque humano”.

Ricardo também deixa entrever que o uso da IA pode se dar de forma benéfica ou não, a depender de sua condução em sala de aula pelo professor.

Imagem 04: Trecho Transcrito da Entrevista de Ricardo – gravada em áudio

04.	RICARDO	Eu sou bem cauteloso, sabe? A IA tem muitos benefícios,
05.		tipo, ela é uma ótima aliada pra quem quer treinar o
06.		listening ou melhorar a pronúncia, mas tem também o
07.		outro lado. Se a gente não tomar cuidado, os alunos
08.		acabam usando de forma errada, tipo, control C, control
09.		V tudo sem aprender de verdade. Acho que o grande
10.		malefício é que, se não for bem orientada, a IA pode
11.		acabar sendo uma muleta, e não uma tool for learning.

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Ricardo adota uma postura crítica e cautelosa, refletida no uso de termos como "bem cauteloso" e "muleta". Em termos semânticos, a palavra "muleta" carrega uma conotação negativa, referindo-se à IA como algo que pode impedir a aprendizagem genuína, substituindo o esforço intelectual do aluno. O uso de "se não for bem orientada" indica que, para ele, a IA só será útil se for mediada de forma criteriosa e contextualizada pelo professor. Sua análise revela uma perspectiva crítica, que considera os riscos de dependência excessiva e a distorção do processo educativo caso a IA seja utilizada sem supervisão ou reflexão pedagógica. Os conectores que Ricardo utiliza garantem a fluidez e coerência de seu discurso ao preconizar o seu pensamento sobre a IA mantendo, assim, relações lógicas entre enunciados (KOCK, 2018).

A questão do cuidado para que os alunos utilizem a IA como forma de aprender e não somente de “control C e control V” (linhas 08-09), como considera Ricardo, permite fazer asserções sobre a questão da aprendizagem de línguas pelos alunos. O conhecimento de línguas adicionais é, inegavelmente, considerado de suma importância para a ascensão a posições de trabalho, prestígio social etc., assunto esse discutido por autores como Lima (2022) e Leite (2013). Há que se tomar cuidado para que o uso das IA não se torne um facilitador para a reprodução de desigualdades (WILLIAMSON E EYNON, 2020) e que os alunos compreendam que a IA deve favorecer o processo de ensino-aprendizagem, não o mascarar.

Pode-se analisar, também, que o uso de “se a gente não tomar cuidado” funciona como uma estratégia de proteção de face de modo coletivo, isto é, em relação aos professores como um todo, os quais, caso não se atentem ao modo como os alunos utilizam a IA, os resultados podem ir de encontro ao que se preconiza na relação ensino-aprendizagem.

Imagem 05: Trecho Transcrito da Entrevista de Gustavo – gravada em áudio

05.	GUSTAVO	Eu vejo a IA como uma ajuda e tanto. As plataformas de
06.		aprendizagem personalizadas, por exemplo, sabem adaptar
07.		o conteúdo ao nível do aluno, ainda mais pra uma língua
08.		estrangeira. Eu uso bastante essas ferramentas, porque
09.		elas ajudam a otimizar o tempo. Só que eu também sou
10.		bem crítico, né? A IA tem seus limites. Se o aluno não
11.		tem noção de como filtrar o conteúdo, ele pode acabar
12.		recebendo uma informação errada, e isso é perigoso.
13.		Outro ponto negativo é que a IA não tem aquela interação
14.		social, sabe? A troca que a gente faz na sala de aula,
15.		aquele momento de troca cultural, não dá pra substituir.
16.		

Fonte: elaborado pelo autor (2025).

Gustavo, ao se referir à IA como uma "ajuda e tanto", parece endossar a utilidade da tecnologia, mas com um olhar atento aos seus "limites". O uso da expressão enfática "ajuda e tanto" transmite uma avaliação positiva, reforçada pela afirmação de que as plataformas personalizadas otimizam o tempo, na esteira do que Selwyn (2019) considera, então, como um suporte pedagógico valioso. Contudo, sua crítica à falta de interação social e ao risco de disseminação de informações incorretas, através da IA, revela uma visão restritiva e cautelosa em relação ao uso descontrolado da tecnologia. Isso resgata a preocupação de Bortoni-Ricardo (2004) sobre a promoção da diversidade linguística na sala de aula, combatendo estereótipos e discriminações. O uso de "limites" sugere que ele reconhece as fronteiras da IA, especialmente em contextos que exigem a interação humana, elemento imprescindível no ensino de línguas.

Em relação à proteção de face, pode-se dizer que Gustavo utiliza sua narrativa como uma estratégia de proteção de face em que, de início, projeta a IA como algo benéfico, já que são uma “ajuda e tanto”. Logo depois, justifica o uso para tal, pois as plataformas “sabem adaptar o conteúdo ao nível dos alunos”, fazendo

com que ele as use “bastante”. Reitera-se a proteção de face quando ele menciona “Só que eu também sou bem crítico, né? A IA tem seus limites”. Essa fala permite compreender a preocupação do docente ao proteger sua face, indicando que não utiliza a IA de modo irresponsivo, mas crítico.

Gustavo estabelece a crítica de modo que se o estudante “não tem noção de como filtrar o conteúdo, ele acaba recebendo uma informação errada” e “Outro ponto negativo é que a IA não tem aquela interação social”. Assim, a crítica que o professor faz também constitui uma estratégia de proteção de face (GOFFMAN, 1963). Em relação à troca cultural, é necessário que haja a ênfase na educação dialógica (FREIRE, 1996) e que se explore as percepções e experiências subjetivas dos alunos (MANAYO, 2014), a fim de se obter a concretização de um ensino consolidado, amparado pela IA como ferramenta facilitadora para tal.

E ENTÃO, O QUE AS ANÁLISES REVELAM?

De modo geral, a análise das respostas dos professores de línguas sobre o uso da Inteligência Artificial (IA) na sala de aula permite uma compreensão profunda das diferentes posturas pedagógicas e linguísticas em relação à adoção dessa tecnologia no ensino de línguas estrangeiras. A primeira dimensão a ser considerada nas respostas é a atitude emotiva e o juízo de valor sobre a IA, o que se reflete no uso de modificadores, como adjetivos e advérbios, que expressam uma avaliação subjetiva do recurso tecnológico. A atitude geral dos participantes varia entre uma aceitação cautelosa e uma crítica, sendo essas posturas evidenciadas pelo uso de conectores e expressões linguísticas que indicam qualificações e condições para o uso da IA.

No que tange ao uso de conectores por cada professor, nota-se que eles têm um papel decisivo na construção de significados e no estabelecimento de relações de causa e efeito, contraste ou condição. Eles são importantes para estruturar os discursos de forma a evidenciar as atitudes positivas e reservas em relação à IA. O conector adversativo “mas” é o mais comum nas respostas, aparecendo em todas as falas. Esse conector serve para contrastar ideias, estabelecendo uma dualidade entre os benefícios e os malefícios da IA. É significativo que a maior parte dos professores recorra a ele, o que indica uma posição ambivalente frente à IA: por um lado, ela é vista como útil e vantajosa; por outro, ela traz desafios e limitações.

Ricardo faz uso do conector “tipo” e “sabe”, que são típicos da linguagem colaborativa e informal, possibilitando uma interação mais próxima e fluida com o interlocutor. Essa escolha lexical sugere que sua comunicação com os alunos é menos formal, e seu discurso reflete uma cautela cotidiana, estabelecendo certa familiaridade que visa suavizar a crítica. O advérbio “super”, por Lucas, e expressões como “bem legal”, por Marina, demonstram um uso emocional e afetivo da linguagem, buscando transmitir uma postura mais acessível e menos impessoal, o que pode ser uma tentativa de humanizar a IA aos olhos dos alunos.

A adjetivação nas falas dos professores também é crucial para a construção de um imaginário linguístico sobre a IA. Os adjetivos refletem não só as funções que a IA desempenha, mas também as avaliações éticas e pedagógicas associadas ao seu uso. Marcos e Lucas se utilizam de adjetivos como "complementar", "acessível" e "bem guiado", sugerindo que a IA deve ser um suporte à aprendizagem, e não um substituto para o professor. A utilização de adjetivos positivos para qualificar a IA "complementar" e a ênfase em condições de uso "bem guiado" indicam que, embora vejam potencial na IA, eles reconhecem a necessidade de mediadores humanos para garantir sua eficácia. Marina emprega o adjetivo "prática" para ressaltar a utilidade da IA em aspectos técnicos do ensino, mas qualifica suas limitações com expressões como "não vai entender", que indicam a incapacidade da IA de perceber nuances culturais ou contextos sociais, algo fundamental no ensino de línguas.

Já Ricardo, ao qualificar a IA como uma "muleta", atribui-lhe uma conotação negativa, que implica uma dependência prejudicial ao processo de aprendizagem, uma atitude paternalista em relação ao aluno. Gustavo fala de "ajuda e tanto" para descrever os benefícios, mas coloca o limite da IA ao afirmar que ela não substitui a interação social, um ponto crucial para o ensino de línguas, que requer, sobretudo, a dimensão comunicativa e intercultural.

As respostas dos professores de línguas sobre o uso da IA na sala de aula evidenciam uma diversidade de perspectivas, que vão desde uma aceitação cautelosa até uma crítica construtiva. A análise linguística revela o uso de conectores adversativos, como "mas", que ajudam a estabelecer um jogo de contraste entre as qualidades da IA e seus possíveis riscos. A adjetivação demonstra uma ambivalência pedagógica diante da IA, que, embora vista como útil, é também considerada limitada em relação ao aspecto humano e cultural do ensino. A combinação dessas estratégias linguísticas contribui para um debate mais reflexivo e ponderado sobre o papel da IA no contexto educacional.

E ENTÃO, QUAL O PAPEL DOS PROFESSORES DE LÍNGUAS?

As respostas fornecidas pelos professores de línguas evidenciam uma reflexão profunda sobre a integração da Inteligência Artificial (IA) no contexto pedagógico, especialmente no ensino de línguas estrangeiras. A análise discursiva, ao considerar as posturas adotadas por cada professor, revela a complexidade da relação entre a tecnologia e o ensino tradicional. Em suas respostas, os professores demonstram, de maneira geral, um posicionamento de cautela e equilíbrio, embora reconheçam tanto os benefícios quanto os desafios associados ao uso da IA na sala de aula.

Em primeiro lugar, a IA é vista como uma ferramenta pedagógica complementar e um apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Marcos adota a IA como um recurso adicional, utilizando-a principalmente para atividades como pesquisa de vocabulário, traduções e prática de pronúncia, por meio de aplicativos de reconhecimento de fala. Essa abordagem implica que a tecnologia tem um papel secundário e não substitutivo no aprendizado, sendo encarada

como uma forma de tornar o aprendizado mais acessível. A preocupação, entretanto, é com o risco de dependência, o que poderia prejudicar a criatividade dos alunos. Esse receio é central para as considerações do professor, que vê na IA uma ferramenta potencial de apoio, mas que, se usada de forma descontrolada, poderia limitar a autonomia e a capacidade criativa dos estudantes.

Lucas compartilha de uma visão semelhante, embora com uma ênfase na necessidade de equilíbrio. Ele é "super a favor" do uso da IA, mas ressalta que deve ser utilizada de maneira cuidadosa, para reforçar o aprendizado sem substituir o desenvolvimento do pensamento crítico. Para esse professor, a IA pode ajudar os alunos a entender melhor as estruturas da língua, mas, se mal utilizada, pode prejudicar a capacidade dos alunos de pensarem por si mesmos. O uso da tecnologia, nesse caso, precisa ser orientado, com a aplicação cuidadosa para evitar que a dependência tecnológica prejudique a formação do aluno enquanto indivíduo capaz de refletir e criar.

Por sua vez, Marina adota uma abordagem mais prática, centrada na utilização da IA para tarefas específicas, como correção de textos e apoio na prática gramatical. Essa postura revela uma valorização da tecnologia como uma ferramenta que otimiza o tempo do professor e permite que os alunos tenham acesso a recursos fora da sala de aula. Contudo, ele alerta que a IA não consegue captar as nuances culturais ou o contexto de uma conversa, destacando a limitação da tecnologia. Para esse professor, a IA não substitui o toque humano e a interação social, elementos fundamentais no ensino de línguas, principalmente no que diz respeito ao aprendizado das dinâmicas culturais e sociais associadas à comunicação.

Ricardo, de forma mais crítica, vê na IA tanto benefícios quanto riscos. Ele a considera uma boa aliada para o treinamento de habilidades como listening e pronúncia, mas alerta que, sem a devida orientação, a IA pode levar os alunos a adotar posturas passivas, como o uso excessivo de atalhos como "control C, control V", o que comprometeria a verdadeira aprendizagem. A metáfora da "muleta" sugere que, em vez de ser uma ferramenta que auxilia no processo de aprendizado, a IA pode se tornar um substituto para o esforço ativo do aluno, diminuindo a profundidade do conhecimento adquirido.

Por fim, Gustavo compartilha uma visão positiva da IA, principalmente em sua capacidade de personalizar o aprendizado e otimizar o tempo dos alunos. Ele destaca as plataformas de aprendizagem que se adaptam ao nível de cada aluno como um grande benefício, mas, ao mesmo tempo, reconhece os limites dessa tecnologia. O perigo, para ele, está no risco de os alunos não saberem filtrar o conteúdo, podendo assim acabar com informações equivocadas. Além disso, ele aponta a ausência de interação social e a troca cultural como um dos pontos negativos da IA reconhecendo que esses aspectos são essenciais no ensino de línguas e não podem ser substituídos por qualquer ferramenta tecnológica.

De modo holístico, as respostas dos professores refletem uma aceitação da IA como uma ferramenta útil, mas com reservas. Eles estão cientes de que a tecnologia oferece muitas vantagens, como o acesso contínuo a recursos de aprendizagem e a personalização do ensino, mas não veem a IA como um substituto para o papel do professor. Ao contrário, o papel do professor é fundamental como mediador, orientador e facilitador do aprendiz. A IA deve ser utilizada de forma equilibrada e estruturada, com a preocupação constante de que a dependência tecnológica não prejudique o desenvolvimento das habilidades sociais, culturais e cognitivas dos alunos. As falas dos professores revelam um desejo de preservar os aspectos humanos da educação, valorizando a interação e a criatividade, enquanto reconhecem que a IA pode ser um complemento valioso, quando bem aplicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da Inteligência Artificial (IA) no ensino de línguas oferece tanto benefícios quanto desafios, conforme evidenciado nas percepções dos professores entrevistados. A IA tem se mostrado uma ferramenta útil na personalização da aprendizagem, na acessibilidade ao conteúdo e no suporte ao desenvolvimento de habilidades específicas. No entanto, os docentes expressaram preocupações sobre o risco de dependência dos alunos em relação à tecnologia, o que poderia comprometer sua criatividade e habilidades sociais.

A pesquisa revelou que, embora a IA não deva substituir o papel do professor como mediador e facilitador, ela pode ser uma aliada valiosa quando utilizada de maneira equilibrada e ética. O papel do docente continua sendo essencial para garantir a reflexão crítica e a autonomia dos alunos, fundamentais para o processo educativo. Além disso, a integração da IA nas práticas pedagógicas exige um uso reflexivo e consciente, que considere as implicações sociais e cognitivas das tecnologias no ambiente educacional.

Portanto, a discussão sobre o uso da IA no ensino de línguas deve ser ampliada, considerando não apenas suas vantagens, mas também os cuidados necessários para evitar que as inovações tecnológicas repliquem desigualdades ou desumanizem o ensino. A formação contínua dos professores e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que integrem IA de forma ética e reflexiva são essenciais para enfrentar os desafios e explorar o potencial dessa tecnologia na educação.

The Role of the Language Teacher in the Teaching-Learning Process in the Face of the Advent of Artificial Intelligence

ABSTRACT

This article investigates language teachers' perceptions of the use of Artificial Intelligence (AI) in education, analyzing its pedagogical application and the challenges involved. Grounded in concepts from Linguistics and Interactional Sociolinguistics, the study explores the teacher's role as a mediator and the impact of AI on classroom interaction. The research was conducted in a high school in Minas Gerais, Brazil, through semi-structured interviews. The results indicate that teachers recognize the advantages of AI, such as personalized learning and accessibility, but express concerns about technological dependency and its impact on students' creativity and social skills. It is concluded that AI can be an effective pedagogical tool when integrated in a balanced and ethical manner, without replacing the essential role of the teacher.

KEYWORDS: Artificial Intelligence. Language Teaching. Linguistics.

El papel del profesor en la enseñanza-aprendizaje de lenguas frente al auge de la inteligencia artificial

RESUMEN

Este artículo investiga la percepción de los profesores de lenguas sobre el uso de la Inteligencia Artificial (IA) en la enseñanza, analizando su aplicación pedagógica y los desafíos implicados. Basado en conceptos de la Lingüística y la Sociolingüística Interaccional, el estudio aborda la mediación del docente y los impactos de la IA en la interacción en el aula. La investigación se llevó a cabo en una escuela de educación secundaria en Minas Gerais, Brasil, mediante entrevistas semiestructuradas. Los resultados indican que los docentes reconocen las ventajas de la IA, como la personalización del aprendizaje y la accesibilidad, pero expresan preocupaciones sobre la dependencia tecnológica y sus efectos en la creatividad y en las habilidades sociales de los estudiantes. Se concluye que la IA puede ser una herramienta pedagógica eficaz cuando se integra de forma equilibrada y ética, sin sustituir el papel esencial del profesor.

PALABRAS CLAVE: Inteligencia Artificial. Enseñanza de Lenguas. Lingüística.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Educar na diversidade*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BARQUETA, C. Análise de preservação de faces em tradução cooperativa. *Cultura & Tradução, João Pessoa*, v. 3, n. 1, p. 21-32, 2014.
- BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. *Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)*.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- FARIA, Ernani. *O papel dos adjetivos na argumentação*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GOFFMAN, Erving. *Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gatherings*. New York: Free Press, 1963.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New York: Anchor Books, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1974.
- GUMPERZ, John J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- JEFFERSON, G. *Glossary of transcript symbols with an introduction*. In: G. H. Lerner (Ed.), *Conversation Analysis: Studies from the first generation*. John Benjamins, 2004, p. 13-31.
- KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2019.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Texto e Coerência*. São Paulo: Contexto, 2018.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEITE, Patrícia Mara de Carvalho Costa. *Yes, Vamos Correr para “Dominar” a Língua: Como a língua Inglesa é Representada em Dois Textos da Revista Veja*. P.247. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de São João del-Rei: São João del-Rei, 2013.

LIMA, Hiago Higor de. *O jogo de imagens em narrativas de migrantes e(m) discurso*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022.

LIMA, João. *Tecnologias digitais e ensino de línguas: Uma abordagem crítica e pedagógica*. São Paulo: Editora X, 2022.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec, 2014.

MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. São Paulo: Loyola, 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. *Professor reflexivo: construindo uma crítica*. São Paulo: Cortez, 2020.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation*. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1916.

SANTOS, Boaventura de S. *A gramática do tempo: Para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de S. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade mais Criativa, Eficiente e Democrática*. São Paulo: Cortez, 2018.

SELWYN, Neil. *Should robots replace teachers? AI and the future of education*. Polity Press, 2019.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

WILLIAMSON, Ben; EYNON, Rebecca. *Understanding the role of artificial intelligence in education: Practices and perspectives. Learning, Media and Technology*, v. 45, n. 3, p. 223-232, 2020.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: Artmed, 2020.

Recebido: 28 fev.2025

Aprovado: 20 mar. 2025

DOI: 10.3895/rtr.v10n0.19956

Como Citar: LIMA, H. H. O papel do professor no ensino-aprendizagem de línguas frente ao advento da inteligência artificial. *Revista Transmutare*, Curitiba, v. 10, e19956, p. 1-22, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Hiago Higor de Lima

Hiagohigor7@gmail.com

Direito Autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

